

**PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO: ORIGENS, USOS E VARIANTES DO
MÉTODO FENOMENOLÓGICO**

Daniel Augusto Moreira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração – Uninove

Professor Titular em Administração – FEA/USP

Doutorado em Educação – USP

E-mail: dmoreira@uninove.br [Brasil]

RESUMO

Embora exista uma tendência crescente de uso do método fenomenológico na pesquisa em administração de empresas, alguns fatores ainda continuam confundindo os pesquisadores e inibindo sua utilização constante. Um deles é o termo “fenomenológico”, frequentemente utilizado para indicar um tipo de dado ou resultado supostamente mais verdadeiro ou mais profundo. O método fenomenológico nasceu no contexto da especulação filosófica, e sua transposição para o conjunto da pesquisa empírica forçosamente cria problemas. O presente trabalho visa analisar tais problemas, apresentando o método fenomenológico em suas origens na filosofia e apontando as adaptações para seu uso na pesquisa empírica.

Palavras-chave: pesquisa empírica; método fenomenológico; fenomenologia.

1 INTRODUÇÃO

Embora o interesse pelas metodologias qualitativas de pesquisa tenha crescido nos últimos anos, ainda persiste um relativo desconhecimento em relação a muitas de suas características, possibilidades e limitações (CASSELL e SYMON, 1994). Dentre as metodologias menos compreendidas encontra-se, sem dúvida, o método fenomenológico. Por que existe dificuldade de compreensão do método? Existe mais de um motivo, sem dúvida.

Uma das dificuldades é o fato de o adjetivo “fenomenológico” ser utilizado de diversas formas na pesquisa em administração, muitas dos quais sem referência de método mas, sim, a um mero ponto de vista. Temos, portanto, os “resultados ou dados fenomenológicos”, obtidos através do método da análise de conteúdo (MICK e DEMOSS, 1990; RUDMIN, 1994); “perspectiva ou abordagem fenomenológica”, obtida ou não através de entrevistas (KLIOT, 1987; SPIVEY et al., 1997; SWINDER e TROCCCHIA, 2001); “entrevista fenomenológica” (STERN, THOMPSON, ARNOULD, 1998); “clarificação fenomenológica” (SCHIPPER, 1999); “grupo de foco fenomenológico” (DURGEE, 1987); “investigação fenomenológica”, usando vídeo *tapes* de julgamentos criminais (LANZARA e PATRIOTTA, 2001), entre outros exemplos. Em todos esses casos, não se trata do método fenomenológico como tal: os autores, ao usar esse adjetivo estão simplesmente se referindo aos dados ou resultados obtidos, supostamente reais, profundos e que espelham melhor o fenômeno em estudo. Trata-se de “ir até o fundo das coisas”, “até às coisas mesmas”, um lema clássico da fenomenologia.

Em outras oportunidades, os pesquisadores usam alguma variante não especificada do método fenomenológico, com pouca ou nenhuma justificativa teórica ou quadro conceitual (WATSON, 1998; WORTHEN e MCNEILL, 1996; GENTRY et al., 1995; BROWN e CAMPION, 1994; HELGESON, 1994). Raramente é feita referência explícita a uma moldura conceitual ou a uma variante específica do método fenomenológico (CHIKUDATE, 2000; MILLS e DANILUK, 2002).

Por outro lado, o método não se originou na pesquisa empírica, mas no campo da especulação filosófica, o que causa alguns problemas práticos de transposição de conceitos. Finalmente, faz falta, para os pesquisadores, a divulgação de algumas variantes do método fenomenológico populares em outras disciplinas.

Desta forma, justifica-se qualquer tentativa de clarificar adequadamente o método fenomenológico, em suas raízes, aplicações, limitações e variantes, sendo este o objetivo geral do presente estudo. Serão retomados os conceitos específicos de fenômeno e fenomenologia; restauradas as raízes do método fenomenológico na filosofia, do qual se originou e se transferiu para a pesquisa empírica; analisadas suas características como método na filosofia; debatidos os esforços de transposição para a pesquisa em ciências humanas e sociais e apresentadas algumas variantes do método no âmbito da pesquisa empírica.

2 CONCEITO PRELIMINAR DE FENOMENOLOGIA

A fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX. O método de investigação crítico, rigoroso e sistemático da fenomenologia tem ganhado reconhecimento, paulatinamente, como uma abordagem à pesquisa qualitativa, aplicável ao estudo dos fenômenos importantes em vários campos da administração de empresas, incluindo marketing, recursos humanos, desenvolvimento organizacional, pesquisa de gerência etc. Em qualquer momento em que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser adequado. Para os pesquisadores, porém, o método fenomenológico continua a ser desconhecido e pouco divulgado nos manuais tradicionais de pesquisa. Giorgi (1985) argumenta que um dos problemas mais difíceis com o pensamento fenomenológico é a sua comunicação, pois, além de intrinsecamente difícil (já que vai contra a tendência natural da consciência de dirigir-se às coisas ao invés de seus processos), baseia-se no trabalho de E. Husserl, o qual continuou evoluindo por toda sua vida, defendendo as mesmas idéias e sofrendo alterações ao longo dos trabalhos publicados, tornando difícil um quadro seguro dessas idéias. Adicionalmente, os discípulos de Husserl desenvolveram interpretações variadas da fenomenologia. É muito mais comum a diferença de critérios que a sua coincidência.

2.1 CONCEITO DE FENÔMENO

Como movimento filosófico, e com o sentido e as ramificações que ostenta até o presente, a fenomenologia nasce ao início do século XX com a obra *Investigações lógicas*, de Edmund Husserl (1859 – 1938). O livro foi originalmente publicado em dois volumes, sendo o primeiro em 1900 e o segundo em 1901. Para Husserl, a fenomenologia era uma forma totalmente nova de fazer filosofia, deixando de lado especulações metafísicas abstratas e entrando em contato com as "próprias coisas", dando destaque à experiência vivida.

A Filosofia devia construir-se (ou reconstruir-se) através da fenomenologia, como uma ciência rigorosa, que desse apoio a todas as "ciências positivas", que abrangem as ciências físicas e naturais. A fenomenologia deveria proporcionar um método filosófico livre de todas as pressuposições que pudesse ter aquele que refletisse; descreveria os fenômenos enfocando exclusivamente a eles, deixando de lado quaisquer questões sobre suas origens causais e sua natureza fora do próprio ato da consciência. Desta forma, a fenomenologia não irá pressupor nada, nem o senso comum, o mundo natural, as descobertas e as teorias da ciência. A fenomenologia ficará postada antes de qualquer crença e juízo, para explorar simplesmente o fenômeno tal como é dado à consciência. A palavra fenomenologia deriva de duas palavras de raiz grega: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). Portanto, etimologicamente, a fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, que no sentido mais genérico, compreende tudo aquilo que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo.

O conceito de fenômeno representa, a nosso ver, a primeira dificuldade no estudo da fenomenologia, isso porque a palavra tem mais de um sentido. O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986) apresenta dez diferentes significados para a palavra, sendo que apenas um deles se refere à fenomenologia no sentido que lhe dá Edmund Husserl; mesmo assim, trata-se de uma "definição de dicionário", que necessita elaboração posterior.

Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico

Vejam inicialmente os conceitos de fenômeno, mais comuns, que apesar de não interessarem à fenomenologia, irão nos ajudar a ressaltar o objeto de estudo desta. Em primeiro lugar, fenômeno indica "qualquer modificação operada nos corpos pela ação dos agentes físicos ou químicos". Esta é talvez a noção mais conhecida nos cursos de química, física e ciências naturais, do primeiro ou segundo grau. Outro sentido de fenômeno que adiciona à generalidade sem esclarecer muita coisa, é "qualquer fato de natureza moral ou social". O sentido de fenômeno é ligado também a eventos ou coisas "incomuns" ou "extraordinárias", como na frase "Mozart foi um fenômeno da música" etc. É preciso acrescentar que a palavra fenômeno pode também remeter a eventos de uma natureza particular e distinguível, como em "fenômeno físico" ou "fenômeno de massa", "fenômeno natural", etc. Um dos sentidos listados pelo Dicionário Aurélio aproxima-se do que nos interessa, ou seja, fenômeno é tudo "o que se manifesta à consciência"; entretanto, é ainda muito impreciso para ser útil.

Freqüentemente entende-se por **percepção** o método complexo de obter informação acerca do mundo que nos rodeia, especificamente através dos nossos sentidos, e apreendendo essa informação na consciência. Em outras palavras, a percepção (nos seres humanos) indica o processo pelo qual a estimulação sensorial é transformada em experiência organizada. Dado qualquer objeto no mundo ao nosso redor, objeto esse que nós percebemos através dos sentidos, 'fenômeno' é a percepção desse objeto que se torna visível à nossa consciência.

Husserl propõe a "volta às coisas mesmas", interessando-se pelo puro fenômeno tal como se torna presente e se mostra à consciência. A apreensão, análise e descrição que assim concebe nossa consciência é o objeto primário da fenomenologia. Nas palavras de Moustakas (1994, p. 26):

O que aparece na consciência é o fenômeno. (Fenômeno) significa trazer à luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade do que se mostra diante de nós... Assim, a máxima da fenomenologia: a volta às próprias coisas. Num sentido amplo, aquilo que aparece provê o ímpeto para a experiência e para a geração de novo conhecimento. Os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana e a base para todo o conhecimento. Qualquer fenômeno representa um ponto de partida desejável para uma investigação. O que é dado em nossa percepção de uma coisa é sua aparência, e esta não é uma ilusão vazia. Serve como o começo essencial de uma ciência que busca determinações válidas que são abertas à verificação de qualquer um.

Além da aparência das coisas físicas na consciência, também a de algo intuído, julgado, imaginado, fantasiado, desejado, temido etc. são fenômenos. Seguindo, pois, a explanação de Husserl, o fenômeno inclui todas as formas de estar consciente de algo, aí incluídos sentimentos, pensamentos, desejos e vontades.

3 CONCEITOS INDISPENSÁVEIS À COMPREENSÃO DA FENOMENOLOGIA

É o momento agora de discorrermos brevemente sobre alguns poucos conceitos que nos permitirão consolidar melhor o que foi dito acerca da fenomenologia.

3.1 ESSÊNCIA

Como vimos, o programa da fenomenologia a concebia como uma ciência de rigor, das essências. Seria uma ciência que partiria "do zero", sem pressuposições. O único ponto de partida admissível seria a experiência comum, partindo-se dos processos de pensamento e da linguagem comuns, sem o auxílio de quaisquer teorias científicas ou filosóficas. Deveria, portanto, retornar ao que é diretamente dado, e na forma em que é dado, através de intuições que se autovalidem. O foco da fenomenologia está no que é dado apenas pela intuição.

3.2 MUNDO NATURAL E ATITUDE NATURAL

A concepção do senso comum é chamada por Husserl de “atitude natural”. Nela a consciência (ingênua) vê os objetos como sendo exteriores e reais. À atitude natural Husserl opõe a “atitude fenomenológica”, segundo a qual o mundo é simplesmente o que ele é para a consciência, ou seja, fenômeno. A atitude fenomenológica não nega o mundo, apenas não se preocupa com que seja real ou não.

3.3 REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E EIDÉTICA

Uma das noções centrais da fenomenologia de Husserl – e também uma das mais controvertidas – é a redução fenomenológica, necessária, segundo Husserl, para que se consiga atingir a atitude filosófica ou fenomenológica. É comum distinguir-se dois tipos de redução, que irão depois compor no método fenomenológico em pesquisa. São eles: a “redução fenomenológica” (ou transcendental) e a “redução eidética”.

3.3.1 Redução Fenomenológica

A redução fenomenológica ou transcendental é também chamada de *epoché*, palavra que significava “suspensão do julgamento” na filosofia grega. A redução fenomenológica ou *epoché* é o método básico da investigação fenomenológica, tal como Husserl o desenvolveu, tendo trabalhado nele durante toda sua carreira. Nesse método, suspendemos nossas crenças na tradição e nas ciências, com tudo que possam ter de importante ou desafiador: são colocados entre parêntesis, juntamente com quaisquer opiniões, e também todas as crenças acerca da existência externa dos objetos da consciência. Trata-se, pois, de uma atitude radical: a da suspensão do mundo natural que não fica negado, nem se duvida de sua existência e não se compara nem com a dúvida cartesiana, nem com a negação da realidade.

3.3.2 Redução eidética

A redução eidética é a forma pela qual nos movemos da consciência de objetos individuais e concretos para o domínio transempírico das essências puras, atingindo a intuição do *eidos* (forma, em grego) de uma coisa, do que existe em sua estrutura essencial e invariável separado de tudo que lhe é contingencial ou acidental (SOKOLOWSKI, 2000).

Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico

Para atingir a essência, a redução eidética usa o chamado “método da variação livre”. Começa-se sempre com um objeto concreto, que é variado imaginativamente em diferentes aspectos. As limitações dessas variações são o efetivamente dado, e o próprio *eidós*, a própria essência. As séries de variações se superpõem e o aspecto no qual se superpõem é a essência.

Para atingir as essências é necessário depurar o fenômeno de tudo que não seja essencial, ou seja, é preciso promover a redução eidética. A essência se definirá pela análise mental como uma “consciência da impossibilidade”, como aquilo que é impossível à consciência pensar de outro modo, ou então, como aquilo sem o que a coisa ou o fenômeno são impensáveis.

4 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA FILOSOFIA

O *Dicionário de Filosofia*, de Niccola Abbagnano (Abbagnano, 1998) traz para a palavra “método” dois significados. No seu primeiro sentido, a palavra indica a mesma coisa que doutrina, enquanto que no segundo, mais restrito, indica “[...]um procedimento de investigação organizado, repetível e autocorrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos” (p. 668). No presente contexto, a palavra doutrina significa um conjunto de princípios que serve de base a um determinado sistema filosófico, no caso a fenomenologia. No seu primeiro sentido é o conjunto de princípios que dá fundamento à fenomenologia.

Enquanto praticado ou defendido no âmbito dos estudos filosóficos, o método fenomenológico apresenta-se mais como doutrina do que como seqüência de procedimentos de trabalho de investigação, apesar de seu sentido permanecer um tanto ou quanto amplo, flutuando por vezes entre uma e outra interpretação.

Entre todos os interessados na fenomenologia – críticos, estudiosos, comentaristas e fenomenólogos – talvez a mais completa abordagem sobre o método fenomenológico tenha sido desenvolvida pelo notável historiador do tema, Herbert Spiegelberg. Na tentativa de dar um fecho condizente com a grandeza de sua obra maior (*The Phenomenological Movement*, 1971), o autor começa por reconhecer que a fenomenologia mostra muitas diferenças em suas manifestações, além de ter sido usada em projetos de estudo muito divergentes, o que mostra com clareza, estudando autores como Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, Gabriel Marcel, Paul Ricoeur, Brentano, Stumpf e outros. Como separar uma fenomenologia, a partir de tantas outras? Apesar das diferenças, o que há de mais característico na fenomenologia é o seu método, de acordo com a maioria dos fenomenólogos. Spiegelberg (1971) procura agrupar o que considera caracteristicamente o método fenomenológico, em alguns passos seqüenciais. Em cada um deles existe um procedimento e um resultado específicos. Em nenhum momento, porém, Spiegelberg sugere a aplicação desses passos na pesquisa empírica; aparentemente, eles servem para se levar a cabo estudos filosóficos com base nos pressupostos da fenomenologia. Para esse autor, os passos do método fenomenológico praticamente aceitos de forma unânime por todos que trabalham com fenomenologia são os seguintes: I. Investigação de fenômenos particulares; II. Investigação de essências gerais; III. Apreensão de relações fundamentais entre as essências.

Vejamos uma breve explanação sobre cada um desses passos.

I. Investigação de fenômenos particulares

Este passo consiste na verdade em três operações distintas, às vezes de difícil separação: a “percepção” intuitiva do fenômeno, seu “exame analítico” e sua “descrição”.

A percepção intuitiva requer uma grande concentração sobre o objeto intuído, sem perder a capacidade crítica. É uma operação de ensinamento difícil, pois não tem regras precisas.

Por ser uma medida intermediária, é difícil distinguir a análise fenomenológica, tanto da percepção intuitiva do fenômeno como da sua descrição. A análise fenomenológica procura identificar os elementos e as estruturas dos fenômenos obtidos pela intuição. Busca distinguir os constituintes do fenômeno, bem como explorar suas relações e conexões com fenômenos adjacentes.

Spiegelberg recomenda que a descrição fenomenológica siga às etapas da intuição e da análise do fenômeno, pois a descrição é predicção, mas esta pressupõe a experiência pré predicativa.

II. Investigação de essências gerais

Para que haja a intuição de essências, deve haver antes a intuição de particulares, seja através da percepção, da imaginação, ou da combinação de ambas. Esses particulares devem ser encarados como exemplos da essência geral, que é então o universal. As essências são concebidas como algo que está nos particulares, e no entanto difere deles.

A operação pela qual prosseguimos do particular para o universal é chamada de “ideação”. A ideação deve ser seguida pelas mesmas operações de análise e descrição que são cumpridas no caso de fenômenos particulares.

III. Apreensão de relações fundamentais entre as essências

O estudo fenomenológico das essências inclui a descoberta de relações ou conexões básicas entre essas essências. O que pretendemos é descobrir se os componentes são ou não necessários para que a essência continue a ser o que é, ou se apenas são compatíveis com ela. Para responder a essa questão, é necessária uma operação chamada “variação imaginativa livre”, a qual envolve tanto abandonar alguns componentes totalmente, como substituí-los por outros. A omissão ou substituição poderá levar desde uma situação onde a estrutura não é afetada (o componente não toma parte na essência) até o ponto em que a omissão ou substituição destrói completamente a essência, ou seja, o componente é parte obrigatória da essência.

5 TRANSPORTE DA FENOMENOLOGIA PARA O DOMÍNIO DA PESQUISA

Como passar de um método filosófico para um empírico? O método fenomenológico da filosofia é “pessoal”, onde o dado é transmitido à pessoa que o apreende. O fenomenólogo deve se libertar de teorias, pressuposições ou hipóteses explicativas. A apreensão do fenômeno deve ocorrer em primeira mão. No entanto, na pesquisa empírica, ao menos na rotina dos casos, quem vive a experiência não é o pesquisador, mas sim o sujeito da pesquisa. Qualquer que seja o procedimento que irá resultar na coleta dos dados referentes à experiência vivida, o pesquisador deve obtê-los – ou pelo menos grande parte deles – de segunda mão, por alguma forma de relato do sujeito da pesquisa. Ou falando, numa entrevista, ou escrevendo de próprio punho.

O primeiro a usar o método fenomenológico - ou pelo menos algo próximo a ele - foi Karl Jaspers, na sua obra *Psicopatologia geral* (original alemão de 1913). Essa abertura foi, provavelmente, a primeira de todas que iriam se seguir, consolidando ao longo das décadas seguintes o método fenomenológico como ferramenta de pesquisa qualitativa. O primeiro capítulo da *Psicopatologia geral* (no original em alemão) chama-se “Os fenômenos subjetivos da vida anormal da psique”, tendo entre parênteses o título alternativo de “Fenomenologia”. Jaspers reconhecia que o material indireto fornecido pelas descrições dos pacientes devia ser interpretado pelo psiquiatra em analogia com sua própria experiência. Essa interpretação basear-se-ia nos procedimentos seguintes, que o psiquiatra deveria seguir: a) imersão no comportamento e nos movimentos expressivos do paciente; b) exploração ou questionamento, levado a cabo pelo psiquiatra, resultando em informação fornecida pelos pacientes acerca de si próprios; c) relatos espontâneos dos pacientes, por escrito.

Como se verá posteriormente, há muita semelhança entre o método fenomenológico (ou, melhor dizendo, com as suas muitas variantes) tal como praticado hoje na pesquisa empírica, e a metodologia sugerida por Karl Jaspers no início do século. Em particular, a fonte básica de informações, isto é, as descrições dos fenômenos, ainda é representada pelos relatos dos sujeitos (co-pesquisadores ou participantes, numa linguagem mais atual).

O fato de que o método fenomenológico (aqui também consideradas suas variantes) tenha tido sucesso na sua transposição da filosofia para a pesquisa, não significa que esteja anulado o problema de passar do método filosófico para o empírico. Existe um sentido no qual não podemos conhecer o que outra pessoa está conhecendo. Só saberemos se a pessoa em questão nos contar. Não temos acesso aos conteúdos de outras mentes.

5.1 CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO APLICADO À PESQUISA EMPÍRICA

A passagem direta de um método, da filosofia para a pesquisa empírica, por se tratarem de campos de reflexão tão diferentes, não poderá e não deverá dar-se de forma simples, sem concessões e adaptações. Na passagem, pois, algumas questões devem ser colocadas e – tanto quanto possível – respondidas. Consideraremos aqui apenas duas dessas questões.

A primeira delas refere-se ao tipo de situações de pesquisa onde o método fenomenológico é apropriado. A segunda – importantíssima – questão diz respeito aos elementos do método original (SPIEGELBERG, 1971), que se conservam quando se transpõe o contexto do estudo, da filosofia para a pesquisa empírica.

Passemos a cuidar mais detalhadamente de cada uma das grandes questões colocadas acima.

a. Em que tipo de situações se usa o método fenomenológico?

O método em questão pesquisa fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa. Streubert e Carpenter (1995) argumentam que o pesquisador pode propor três questões, cujas respostas positivas podem auxiliá-lo a decidir se o método fenomenológico é ou não o mais apropriado:

a-a) Existe uma necessidade de maior clareza no fenômeno selecionado? Talvez exista pouca coisa publicada, ou o que exista precise ser descrito em maior profundidade.

a-b) Será que a experiência vivida e compartilhada é a melhor fonte de dados para o fenômeno de interesse? Desde que o método básico de coleta é a voz da pessoa que vive um dado fenômeno, o pesquisador deve determinar se esta abordagem lhe dará os dados mais ricos e descritivos.

a-c) Em terceiro lugar, o pesquisador deve considerar os recursos disponíveis, o tempo para o término da pesquisa, a audiência a quem a pesquisa será apresentada, e o próprio estilo pessoal do pesquisador e sua habilidade para se engajar em um método de forma rigorosa.

A utilização ou não do método fenomenológico irá, pois, nascer de uma investigação prévia sobre o objeto de estudo e as pretensões do pesquisador quanto ao tipo de informação que mais lhe interessa.

Para resumir, em geral os tópicos apropriados ao método fenomenológico incluem aqueles que são recorrentes à experiência de vida de seres humanos: alegria ou medo, estar presente, estar envolvido, ser um gerente ou um líder, ou o sentido de algum tipo de experiência para pessoas num dado ambiente (pessoas numa instituição, por exemplo). Na área médica e de enfermagem, são adequados o sentido da dor, qualidade de vida, vivendo com uma particular doença crônica, ou a perda de uma parte do corpo etc.

b) Quais elementos do método fenomenológico (na filosofia) sofrem adaptações no contexto da pesquisa empírica?

Sempre é bom lembrar que Husserl nunca se propôs a desenvolver um método de realizar pesquisa empírica. A mera transposição do método fenomenológico para o contexto empírico não poderia ser feita sem adaptações e concessões rigorosas. Além disso, conceitos fundamentais no método, no patamar filosófico, perderiam o sentido, ou poder explicativo,

Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico

quando se tratasse do referencial empírico. O assunto é por demais complexo e se constitui no “ponto cego” existente na comunicação dos dois domínios, o filosófico e o empírico.

De forma quase unânime, o método fenomenológico (quando realmente esta designação é apropriada) aplicado à pesquisa (ou suas variantes, como se verá logo mais a seguir) tem como componentes básicos as duas reduções, e freqüentemente culmina com a descoberta das essências relacionadas ao fenômeno estudado. Podemos particularizar então a questão de abertura – quais elementos do método fenomenológico sofrem adaptações – para “como são levadas a efeito as reduções na pesquisa empírica” e “como transpor uma atividade fundamentalmente reflexiva – a variação imaginativa livre – necessária à obtenção das essências, para o contexto empírico”?

À primeira vista, pode surpreender a constatação de que algumas das variantes do método fenomenológico – talvez a maioria delas – sequer fazem menção à redução fenomenológica (já ressaltamos seu caráter polêmico), embora, de alguma forma, a busca de essências sempre se faça presente. As variantes que estaremos apresentando no próximo item, os métodos de van Kaam (1959) e Colaizzi (1978), não fazem referência direta à *epoché*. Entre algumas variantes que não estaremos apresentando neste trabalho, o método de Paterson e Zderad (1976) não se refere à *epoché*, enquanto o método de Streubert (1991) prescreve que o pesquisador deve colocar entre parêntesis todas as suas pressuposições. O método de van Manen (1984) não determina que o pesquisador pratique a *epoché*, mas que se conscientize de seus pressupostos básicos e de suas idéias prévias. Como se observa, a *epoché* nem de longe é uma unanimidade entre os pesquisadores.

6 ALGUMAS VARIANTES DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA PESQUISA EMPÍRICA

Ao se transpor o fosso entre a filosofia e a prática da pesquisa, será normal o aparecimento de muitas variantes do método fenomenológico. Não existe, porém, uma variante que possa ser apontada como o representante básico dessa ferramenta na pesquisa empírica. Não é difícil apontar van Kaam (1959) como o primeiro autor reconhecido como proponente de um método fenomenológico para a pesquisa empírica; outros métodos tornaram-se conhecidos, como o de Giorgi (1985) ou o de Colaizzi (1978), mas existe um grande número de proposições menos adotadas e conhecidas.

Devemos reconhecer que existem algumas facetas comuns a todas as variantes – o que seria de esperar –, devido a suas raízes comuns e a moldura operacional que circunscreve qualquer metodologia de coleta e análise de dados em pesquisa envolvendo seres humanos. Particularmente, há bastante semelhança tanto na “estratégia de coleta de dados” como na “apresentação dos resultados” da pesquisa fenomenológica, qualquer que seja o autor que o investigador resolva privilegiar como quadro teórico metodológico. No método fenomenológico, as principais estratégias de coleta de dados são:

a) entrevista: os participantes descrevem verbalmente suas experiências de um fenômeno;

b) descrição escrita de experiências pelo próprio participante;

c) relatos autobiográficos, em forma escrita ou oral;

d) observação participante: aqui o pesquisador parte das observações do comportamento verbal e não verbal dos participantes, de seu meio ambiente, das anotações que ele mesmo fez quando no campo, de áudio e *video tapes* disponíveis etc.

Dessas estratégias, a mais utilizada é a entrevista oral, geralmente aberta, com poucos participantes – 1 a 10, raramente mais que esse número, com a mediana por volta de 6 a 8 entrevistados. Por outro lado, observa-se que os resultados da pesquisa fenomenológica são invariavelmente descritos a partir da orientação dos participantes, ao invés de serem codificados em linguagem científica ou teórica. Usam-se as palavras reais dos participantes para ajudar na descrição. O pesquisador identifica “temas” ou “essências” nos dados. A partir dos temas é desenvolvida uma explicação estrutural.

6.1 MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE VAN KAAM (1959)

No método proposto por van Kaam aparece inicialmente a palavra “expressão” que pode ser entendida como “frase” ou “pensamento”, enquanto que as palavras “momento da experiência”, também de van Kaam, são equivalentes a qualquer frase ou conjunto de frases que tenham um sentido bem definido. Esses momentos da experiência, com sentido próprio quando retirados do seu contexto, são chamados de “constituintes” ou “constituintes descritivos”. Os constituintes relevantes comuns às diversas experiências (ou seja, constantes no relato dos diferentes participantes) recebem um rótulo comum (em outras palavras, são os temas ou essências encontrados para o fenômeno). O método, apresentado abaixo, tem cinco passos bem definidos: I. Obter um núcleo de experiências comuns; II. Listar e preparar um agrupamento preliminar rudimentar de cada expressão apresentada pelos participantes; III. Redução e eliminação de constituintes não essenciais; IV. Procurar identificar os constituintes descritivos. Todos os constituintes relevantes comuns formam um núcleo que é rotulado da maneira mais abstrata que expresse o tema comum; V. Finalmente, identificar os constituintes descritivos por aplicação. Esta operação consiste em avaliar os constituintes identificados tentativamente contra casos aleatórios da amostra, principalmente verificando se estão expressos explicita ou implicitamente, em algumas ou na maioria das descrições.

Como se observa, o método (em que pese a terminologia um tanto quanto diferente da que estamos usando) centraliza os detalhes na determinação das essências do fenômeno (experiência) em estudo; a determinação das essências é descrita no Passo IV, e o teste de sua adequação é descrito no Passo V. Reparar, como foi dito em outra oportunidade, que o método não menciona a *epoché*.

6.2 MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE COLAIZZI (1978)

O método de Colaizzi supõe que as descrições das experiências vividas dos participantes já foram coletadas e transpostas na forma escrita. O autor adverte que os passos seguintes (sete ao todo) devem ser vistos como típicos, mas não definitivos. Como os passos costumam, na prática, se sobrepor, eles devem ser vistos de forma flexível e livre pelo pesquisador, dependendo da circunstância com que ele se aproxima do fenômeno em estudo. Os passos e sua seqüência são: I. Leia todas as descrições dos participantes,

Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico

convencionalmente chamadas de protocolos, de forma a adquirir uma visão geral; II. Retorne a cada protocolo e extraia deles frases ou sentenças que digam respeito diretamente ao fenômeno investigado; isso é conhecido como “extração de assertivas significativas”; III. Tente colocar em palavras o sentido de cada assertiva significativa. Esta etapa é conhecida como “formulação de sentidos”. (Colaizzi adverte que este passo encerra um momento criativo, pois o pesquisador deve passar daquilo que os participantes dizem para aquilo que isso significa.); IV. Repita o procedimento acima para cada protocolo, e organize os sentidos formulados em “conjuntos de temas”. Em seguida, teste estes conjuntos de temas contra os protocolos originais de forma a validá-los. Isto é atingido perguntando-se se existe algo nos protocolos originais que não é levado em consideração nos conjuntos de temas, e também se estes propõem algo que não esteja nos protocolos; V. Todos os resultados obtidos são integrados em uma descrição exaustiva do tópico investigado; VI. Um esforço é feito para formular a descrição exaustiva do fenômeno investigado em uma declaração de sua estrutura, de forma a mais inequívoca possível; VII. Um passo final de validação pode ser obtido retornando-se a cada participante e, em uma entrevista simples ou numa série de entrevistas, perguntando-lhe sobre a adequação dos resultados obtidos.

A grande popularidade do método de Colaizzi deve-se, sem dúvida, à clareza com que é formulado. Novamente, não há referências à *epoché*.

7 CONCLUSÃO E QUESTÕES FINAIS

Pretendemos, com este trabalho, fundamentalmente uma clarificação da natureza do método fenomenológico, de seus usos e de suas limitações. Nosso propósito é o de oferecer ao pesquisador um rápido quadro de referência, para que a utilização do método possa fazer-se com mais segurança e propriedade. Não obstante, algumas questões finais se impõem.

Na coleta das informações, existem dois planos nos quais podem ocorrer problemas com a confiabilidade dos dados: um deles diz respeito à autenticidade do próprio relato, seja oral, seja escrito, e outro se relaciona com os efeitos da interação entre o pesquisador e o sujeito. Há vários motivos pelos quais as informações fornecidas pelo participante podem estar enviesadas. Elas podem ser simplesmente escondidas, por desejo de privacidade, ou por influência de deseabilidade social; o informante pode esquivar-se de perguntas mais diretas, fornecendo respostas evasivas ou simplesmente inventadas.

No caso da pesquisa qualitativa em geral e no método fenomenológico em particular, não se pode esquecer que o objetivo é de explorar e desvendar conhecimentos, através da experiência vivida do sujeito. Como se costuma dizer, trata-se mais do “contexto da descoberta de conhecimentos” e não do “contexto da verificação”, tão característico da pesquisa quantitativa. A amostra tomada, quase certamente, não será estatística. Ao contrário, freqüentemente ela será “intencional”, ou seja, será composta por sujeitos que foram escolhidos exatamente por causa de certas características que os habilitavam a integrar a amostra. Nestes casos, fica totalmente fora de questão tratar de generalização estatística, que é o sentido usual dentro da pesquisa quantitativa. Com as amostras intencionais, é possível destacar apenas a “generalização lógica” ou “generalização naturalística”. Este tipo de

generalização é sempre mais limitado em relação à estatística: os resultados da amostra intencional podem ser (supondo-se validade interna satisfatória) transpostos para uma parcela mais ou menos definida da população de trabalho que tenha fortes semelhanças com os sujeitos da amostra. Este julgamento de adaptação poderá ser feito pelo pesquisador nos seus comentários, mas será freqüentemente realizado também pelo leitor ou usuário da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BROWN, B. K.; CAMPION, M. A. Biodata phenomenology: Recruiters' perceptions and use of biodata. *Journal of Applied Psychology*, v. 79, n. 6, p. 897-908, 1994.
- CASSEL, C. ; SYMON, G. (ed.). 1st ed. *Qualitative Methods in Organizational Research. A Practical Guide*. London: Sage Publications, 1994.
- CHIKUDATE, N. A Phenomenological Approach to Inquiring into an Ethically Bankrupted Organization: A Case Study of a Japanese Company. *Journal of Business Ethics*, v. 28, p. 59-72, 2000.
- COLAIZZI, P. F. Psychological Research as the Phenomenologist Views It. In: VALLE, R. S.; KING, M. *Existential Phenomenological Alternatives for Psychology*. New York: Oxford University Press, 1978. p. 48-71.
- DURGEE, J. F. Point of View: Using Creative Writing Techniques in Focus Groups. *Journal of Advertising Research*, v. 26, n. 6, 1987, p. 57-65.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GENTRY, J. G. et al. Family transitions during grief: Discontinuities in household consumption patterns. *Journal of Business Research*, v. 34, n. 1, 1995, p.67-79.
- GIORGI, A. (ed.). *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985. p. vii a x.
- HELGESON, J. G. Receiving and responding to a mail survey: A phenomenological examination. *Journal of the Market Research Society*, v. 36, n. 4, 1994, p. 339-347.
- KLIOT, N. Here and There: The Phenomenology of Settlement Removal from Northern Sinai. *The Journal of Applied Behavioral Science*, v. 23, n. 1, 1987, p. 35-51.
- LANZARA, G. F.; PATRIOTTA, G. Technology and the courtroom: An inquiry into knowledge making in organizations. *The Journal of Management Studies*, v. 38, n. 7, 2001, p. 943-971.

Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico

MICK, D. G.; Demoss, M. Self-Gifts: Phenomenological Insights from Four Contexts. *Journal of Consumer Research*, v. 17, n. 3, 1990, p. 322-332.

MILLS, L. J.; DANILUK, J. C. Her Body Speaks: The Experience of Dance Therapy for Women Survivors of Child Sexual Abuse. *Journal of Counseling and Development*, Winter, v. 80, 2002, p. 77-85.

MOUSTAKAS, C. *Phenomenological Research Methods*. 1st. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

PATERSON, G. J.; ZDERAD, L. T. *Humanistic Nursing*. 1st. ed. New York: John Wiley and Sons, 1976.

RUDMIN, F. W. Gender Differences in the Semantics of Ownership: A Quantitative Phenomenological Survey Study. *Journal of Economic Psychology*, v. 15, n. 3, 1994, p. 487-510.

SCHIPPER, F. Phenomenology and the Reflective Practitioner. *Management Learning*, v. 30, n. 4, 1999, p. 473-485.

SOKOLOWSKI, R. *Introduction to Phenomenology*. 1st ed. New York: Cambridge University Press, 2000.

SPIEGELBERG, H. *The Phenomenological Movement. A Historical Introduction*. 2. ed. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

SPIVEY, W. A. et al. Coordinating the Technology Transfer and Transition of Information Technology: A Phenomenological Perspective. *IEEE Transactions on Engineering Management*, v. 44, n. 4, 1997, p. 359-366.

STERN, B.B.; THOMPSON, C.J.; ARNOULD, E.J. *Psychology and Marketing*, v. 15, n. 3, 1998, p. 195-214.

STREUBERT, H. J. Phenomenologic research as a theoretic initiative in community health nursing. *Public Health Nursing*, v. 8, n. 2, 1991, p. 119-123.

STREUBERT, H. J.; CARPENTER, D. R. *Qualitative Research in Nursing. Advancing the Humanistic Imperative*. 1st. ed. Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1995.

SWINDER, J.; TROCCHIA, P.J. Vegetarianism: Toward a greater understanding. *Psychology and Marketing*, v. 18, n. 12, 2001, p. 1205- 1240.

VAN KAAM, A. A phenomenological analysis exemplified by the feeling of being really understood. *Individual Psychology*, v.15, 1959, p. 66-72.

VAN MANEN, M. Practicing phenomenological writing. *Phenomenology and Pedagogy*, v.2, 1984, p. 6-39.

WATSON, J. "If you don't have it, you can't find it. A close look at students' perceptions of using technology. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 49, n. 11, 1998, p. 1024-1036.

WORTHEN, V.; McNEILL, B. W. A phenomenological investigation of "good" supervision events. *Journal of Counseling Psychology*, v. 43, n. 1, 1996, p. 25-35.

RESEARCH IN ADMINISTRATION: ORIGINS, USES AND VARIANTS OF THE PHENOMENOLOGICAL METHOD

ABSTRACT

Although there is a growing tendency of the use of the phenomenological method in the research in business administration, some facts still continue confusing the researchers and inhibiting a more intense utilization. Among such factors is the adjective "phenomenological", frequently used to indicate a kind of a supposedly truer or more accurate result. It is necessary to remind that the "phenomenological method" got its origin in the context of the philosophic speculation, and its transposition to the empirical research context necessarily creates problems to overcome. The present work aims to analyze such problems, presenting the phenomenological method in its origins in philosophy, pointing out the adaptations for its use in empirical research.

Keywords: empirical research; phenomenological method; phenomenology

Data do recebimento do artigo: 17/06/2003

Data do aceite de publicação: 10/08/2003